Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

TRÊS NOMES DO DESEJO: ANTÍGONA, HAMLET E HÖLDERLIN

Mauro Mendes Dias – mauro.m.dia@uol.com.br

Resumo: A introdução do desejo do analista e da sublimação ao final do *Seminário 6* evidenciou um além do desejo do Outro, como desejo do sujeito. As reelaborações de Freud e Lacan destacaram a interpretação como o elemento principal do tratamento psicanalítico que permite experimentar o desejo de uma forma que não se restringe apenas em não manter o recalcado. Ao nomear o grafo do desejo, Lacan evidenciou que o desejo é o efeito de quatro relações com efeitos sobre o sujeito que ali comparece como sujeito do desejo. Enfocando a dialética do desejo o artigo sugere que o desejo do analista é uma referência que permite situar a passagem do desejo e sua interpretação para a ética da Psicanálise, hipótese através da qual se esclarecem os motivos pelos quais Lacan se valeu da tragédia, em que os personagens que a sustentam viram nome próprio.

Palavras-chave: desejo; interpretação; Outro; nome; sintoma; sujeito.

THREE NAMES OF DESIRE: ANTIGONE, HAMLET AND HÖLDERLIN

Abstract: The introduction of the analyst's desire and of sublimation at the end of Seminar 6 highlighted a beyond the Other's desire, as the subject's desire. Freud´s and Lacan´s re-elaborations highlight interpretation as the main element of psychoanalytic treatment that allows one to experience desire in a way that is not restricted to simply not maintaining what is repressed. By naming the graph of desire, Lacan shows that desire is the effect of four relations with effects on the subject, appearing there as the subject of desire. By focusing on the dialectic of desire, the article suggests that the analyst's desire is a reference that allows us to situate the passage of desire and its interpretation to the ethics of Psychoanalysis, a hypothesis clarifying the reasons why Lacan made use of the tragedy, in which the characters that support it become their own names.

Keywords: desire; interpretation; Other; name; symptom; subject.

TRÊS NOMES DO DESEJO: ANTÍGONA, HAMLET E HÖLDERLIN

O primeiro ponto que me veio à mente quando decidi escrever um texto para a *Jornada sobre o Seminário VII* [1] foi o de poder dar nomes próprios ao desejo. Afinal, a problemática que o desejo promove se expressa na vida das pessoas que nos procuram, tanto quanto na dos personagens de que nos valemos para falar dele. Avançando, mesmo que de forma resumida sobre o desejo, constatamos que, ao comparecer primeiro no texto da *A interpretação do* sonhos (1900), como desejo recalcado, ele vem marcado pela presença de afetos incestuosos. De tal forma os afetos incestuosos estiveram desde o início ligados aos desejos recalcados nos sonhos que Ernest Jones (1931/2002), em seu clássico sobre os pesadelos, explica estes últimos fundamentando sua origem nesses afetos, responsáveis por fazer passar os sonhos para a condição de pesadelos.

No avanço de suas elaborações, Freud vai dar nomes próprios ao desejo, expressos em suas *Cinco psicanálises*[2]. O desejo que comparece no caso Dora se qualifica pela modalidade particular da ação do recalque na histeria. O desejo apresentado no caso do homem dos ratos vai, ele também, manifestar sintomas que são a expressão do funcionamento do recalque nesse tipo clínico. Essa diferenciação existente entre as manifestações do recalque para lidar com o desejo, segundo os tipos clínicos, nos permite apreender que não somente não há acesso direto ao desejo, mas também que, em virtude disso, é preciso articular uma concepção de tratamento que permita a experiência diferenciada com ele. Tal é a proposta sustentada pelo tratamento psicanalítico. Lembrando que ela só se tornou possível pelo fato de Freud ter mostrado que não há concepção de desejo que se sustente sem sua ligação com o inconsciente e suas leis de funcionamento, as quais deformam sua presença.

Uma das contribuições significativas da obra inaugural de Freud, *A interpretação dos sonhos* (1900), se encontra presente em seu título. Os sonhos são produções psíquicas do inconsciente, passíveis de interpretação, ou seja, suscetíveis de promover uma mudança da posição subjetiva do sonhador com seu desejo. Por isso mesmo, Lacan, na primeira lição do Seminário *O desejo e sua interpretação* (1958-59/, afirmou que a psicanálise é um "tratamento psíquico modificador de estruturas, em especial dessas estruturas chamadas neuroses (...)"(p.13). Tomando o sonho como formação do inconsciente exemplar das neuroses, podemos reafirmar que, pela interpretação, se modifica a maneira pela qual um desejo se mantinha

[1] Biblioteca Virtual do Instituto VOX, Jornada sobre o Seminário VII, de Lacan, fev/2021.
[2] "Cinco Psicanálises". Referem-se às análises clínicas dos casos de Dora, Hans, Schreber, Homem dos Ratos e Homem dos Lobos. In: Obras Completas de S. Freud

recalcado. Assim, a passagem do desejo para sua elaboração é efeito de uma modificação da estrutura que sustentava o recalcamento.

Desde Freud até Lacan, a interpretação se apresenta como elemento principal do tratamento psicanalítico que permite experimentar o desejo de uma forma que não se restringe apenas em não manter o recalcado, mas também reafirma o princípio de não coincidência entre desejo, prazer e vontade. Se podemos afirmar que a insistência é um termo comum ao desejo, ao prazer e à vontade, no caso do desejo, sua presença pelo recalque se distingue devido a uma insistência incômoda, conflituosa, enigmática, que só deixa de se repetir quando, pela interpretação, o sujeito tem acesso a um novo tipo de experiência. Experiência essa que, se não é pacificante, tampouco mantém o compromisso com o sofrimento, tal como vinha sendo sustentado. No caso do prazer e da vontade, trata-se de diferenciar que objetivos que movem os sujeitos os conduzem numa direção onde o que importa é a satisfação que pretendem conquistar, em simetria com suas intenções. Não é necessária a presença da interpretação para que se tenha acesso ao que dá prazer, tampouco ao que se tem vontade de fazer. Quando a inibição comparece em tais casos, ela não é da mesma ordem de quando comparece ligada ao desejo inconsciente. Em se tratando do desejo, a inibição comparece como efeito de suas ligações com o sintoma e a angústia.

Falar de desejo na Psicanálise é falar de uma coisa que não se diz em palavras. O desejo não é articulável, já lembrava Lacan (1957-58/1999), ou seja, ele não é pronunciável. Mas ele é, sim, articulado, implicando conexões significantes, por onde comparece pela metonímia. Essas conexões, a partir das quais o desejo se estrutura e dinamiza, foram escritas por Lacan no grafo do desejo. Ao nomear um grafo como grafo do desejo, fica evidenciado que o desejo é o efeito de relações que se escrevem e que se implicam uma com a outra, produzindo efeitos sobre o sujeito que ali comparece como sujeito do desejo. Quatro relações se estabelecem como condição mínima para a articulação do desejo no sujeito que fala, presente no segundo andar do grafo. Elas se mantêm entre o desejo, a fantasia, a demanda e a castração do Outro, enquanto notação de não haver Outro do Outro. Deve-se notar uma referência diferenciada de Lacan, com Freud, no tocante ao desejo.

Na experiência de satisfação, fundadora da relação do ser falante com o desejo, Freud nos fala que ela é vivida sob a forma alucinatória.

Continuando nessa elaboração feudiana, os sujeitos serão levados a procurar o encontro, como reencontro, com esse objeto primeiro. Tal satisfação será suposta de ser reencontrada de forma única, extraordinária, num objeto que satisfaz o sujeito plenamente. A crença fundadora da ausência da castração materna atualiza essa condição de busca que, para Freud, é a

responsável pela sobrevivência do infans e constituição de suas identificações. Seja para o menino, seja para a menina, a castração da mãe, como castração do Outro, se escreve de forma diferenciada para cada um deles. Daí seus percursos e consequências vividos de forma distinta com o desejo. Seja na passagem do Édipo para a castração, seja na da castração para o Édipo, reencontraremos os sujeitos tendo de se confrontar com o atravessamento dessa condição primeira, a da não castração materna, de forma que, pela presença do pai como agente da castração, possam assumir uma posição sexual.

No início da elaboração freudiana do desejo, há a presença de um objeto alucinatório, capaz de suscitar uma busca de satisfação de tal ordem que ela irá se repetir, quando dos investimentos libidinais no complexo Édipo-castração, sendo dirigida ao objeto materno. Podemos afirmar, portanto, que em Freud o desejo se apoia num objeto. Por isso mesmo, é importante escutar os limites dessa posição enunciada por Lacan. Ele diz em seu Livro 6:

> (...) o funcionamento do desejo nos mostra que o objeto perdido, o objeto a ser reencontrado não é aquele que uma perspectiva genética promove a objeto primitivo de uma impressão primordial. Faz parte da própria natureza do desejo constituir o objeto segundo essa dialética (LACAN, 1958-59/2002, p. 400).

Vou partir de uma pergunta, interrogando o que significa a dialética do desejo e reconhecendo que, se há uma dialética, é, de saída, porque o desejo não é próprio do sujeito. A dialética implica a presença do Outro, numa referência terceira, terceiro esse que é o desejo do Outro. É por existir uma dialética do desejo que cada um de nós estrutura o desejo pelo Outro. E é pelo Outro, como referência simbólica, desejante e diferenciada, que cada um de nós participa de uma subversão. Subversão do sujeito que subverte o sentido dos sintomas através da dialética do desejo.

O objeto do desejo, para Lacan, é estruturado pelo desejo do Outro. Significa afirmar que o desejo do sujeito é o desejo do Outro[3] (1953-54, p.172) ; (1966, p.628), ou seja, vem dele, Outro, tanto quanto é suposto ser o dele. À medida que o desejo vem pelo Outro, ele é vivido pelo sujeito na condição de ser o objeto dele, Outro, com o qual se identifica. Assim, o sujeito, como objeto, fazendo-se de objeto do desejo que ele supõe no Outro, monta uma fantasia. Fica indicado que, para Lacan, o desejo se apoia numa fantasia. Daí a importância do segundo andar do grafo do desejo, onde se podem acompanhar essas indicações.

---

[3] O desejo do homem é o desejo do outro. A tópica do imaginário. In: ___. O seminário: livro 1: os escritos técnicos e Freud (1953-54), p.172. lacan-os-escritos-tecc81cnicos-de-freud-1953-1954-1996-zahar-1.pdf (wordpress.com); (...) deve-se afirmar que, obra de um animal presa da linguagem, o desejo do homem é o desejo do Outro, p.628 (634). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: ___Escritos (1966). https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Livros_Escritos_Jacques_Lacan.pdf

Antes de passar ao último tópico, vale deixar indicadas duas observações. Estando o desejo apoiado numa fantasia, e não num objeto, o sentido da interpretação se amplia, já que se trata de considerar de que maneira a interpretação toca a fantasia, sendo dirigida ao sintoma. Como segunda observação, vale ressaltar que aquilo que o sujeito vai encontrar na análise é o desejo do analista, como desejo que remete para além do desejo do Outro, como sinônimo do desejo do sujeito. Vou procurar sustentar a hipótese de que o desejo do analista é uma referência que permite situar a passagem do desejo e sua interpretação para a ética da Psicanálise. E que através dessa hipótese se esclarecem os motivos pelos quais Lacan se valeu do teatro trágico, com Hamlet e Antígona. E, ainda, a partir do que Lacan transmitiu com essa dupla referência, poder incluir um terceiro nome, o de Hölderlin.

Com a introdução do desejo do analista e a sublimação ao final do *Seminário 6*, fica evidenciado que há um além do desejo do Outro, como desejo do sujeito, a ser tratado na análise. Esse além vai ser reencontrado não mais como sinônimo de além do princípio do prazer, mas, sim, como além das coordenadas do desejo do Outro, como desejo do sujeito; portanto, além do suporte do desejo na fantasia e nos sintomas. Tal direção nos conduz a situar a tragédia grega, referida a Antígona, tanto quanto a moderna, em Hamlet, transformando as histórias de vida de cada um deles em morte, enquanto morte da subjetividade. Morte da história por onde cada um se contava e era contado. É isso que a morte na tragédia realiza, ela é um ato que faz desaparecer a vida de quem o sustentou.

De preferência não ser. Considero que, em virtude disso, Lacan pôde afirmar que, na tragédia, os personagens que a sustentam viram nome próprio. Mesmo que Hamlet hesite, ele realiza o ato; no caso de Antígona, nós já esperamos por ele desde quando ela entra em cena na peça. Nomes próprios, nomes de atos. Ato nomeado com o nome próprio de Antígona, ato nomeado com o nome próprio de Hamlet. E Hölderlin, o poeta esquizofrênico, reconhecido por todos de sua época, a começar por Goethe e Hegel como poeta e tradutor do grego genial? Laplanche (1961/2003) dedicou a ele um livro extraordinário, existente em português, que Lacan menciona no *Seminário livro 7*, capítulo V (1959-60, p.85). Segundo Laplanche, o avanço de Hölderlin em direção à segunda morte em vida se revela em sua tentativa desesperada de continuar se contando como poeta, pela escrita. E assim poder contar seu nome pelo ato de escrever. Segundo Laplanche, "Hölderlin é poeta por colocar a esquizofrenia como questão, e ele coloca essa questão porque é poeta."[4] A desaparição a que Hölderlin se vê tragado em vida

[4] Poète parce qu'il ouvre la schizophrénie comme question, il ouvre cette question parce qu'il est poète. Holderlin et la question du père, Paris: Quadrige, 1984, resumé, n.p.; Laplanche, J. Holderlin et la questión du père, Paris:PUF,1969, p.133

vai levar dele a condição de escrever e passar seus últimos 40 anos sem falar, em estado catatônico, numa longa noiteescura que encobre o sol.

Em tempos nos quais os atos éticos passaram a ser reduzidos na pólis, vale lembrar a condição necessária para estar à altura deles. É pouco ser contestador. Nas palavras de Hölderlin:

> Os homens parecem ignorar que, nascido do fogo da vida, tudo que os homens dizem não passa de um feixe de lenha, que só se incendeia quando o fogo do espírito dele se apodera (LAPLANCHE, 1961/2003, p. 92).

REFERÊNCIAS

FREUD, S. (1900). A Interpretação dos sonhos". In:_____. **Edição** Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996. Vol. V

JONES, E. (1931**). On the Nightmare**. New York: Liveright Paperbound Edition, 1971.

_____.(1931). **Le cauchemar**. Paris: Payot-Rivages, 2002.

_____. (1966). A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In:_____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998, pp. 591-652. Disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Livros_Escritos_Jacques_Lacan.pdf

LACAN. (1959-60). **O seminário: livro 7: a ética da psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. Disponível em: Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-7-A-etica-da-psicanalise.pdf (lotuspsicanalise.com.br)

_____. (1958-59). **O seminário: livro 6: o desejo e sua interpretação**. Ciculação interna da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002> https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-6-O-desejo-e-sua-interpretacao-parte1.pdf

_____.. (1957-58). **O Seminário: livro 5: as formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

_____. (1953-54). **Os escritos técnicos de Freud**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986, pp.168-188. Disponível em: https://lotuspsicanalise.com.br/biblioteca/Jacques-Lacan-O-seminario-Livro-1-Os-escritos-tecnicos-de-Freud.pdf

LAPLANCHE, J. (1961). **Hölderlin e a questão do pai**. 1ª edição 1991. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003. (Thése de Medicine, 1959)